

# TRAMADA NA FRANÇA INVASÃO DO BRASIL

QUEM VIVER VERÁ



Um vice-almirante — Durand de Villegagnon — o autor do audacioso plano

Paris, dezembro, 1553 (Do correspondente) — URGENTE

Com absoluta exclusividade, podemos informar que um ousado plano de conquista do Brasil para a coroa francesa, foi levado ao conhecimento do cardeal de Lorena e do almirante Coligny que o teriam, em princípio, aprovado.

O autor do projeto, Nicolau Durand de Villegagnon, é um marujo de renome, de grande bravura e capacidade, tendo sido, inclusive o autor do rapto da princesinha Maria Stuart, por ele trazida para a França, apesar da severa vigilância da Coroa Inglesa.

Villegagnon conta 45 anos e tem instrução superior, já tendo brilhado nesta côrte entre latinistas e helenistas. Na sua fôlha de serviços constam lutas com os mouros de Argel e com os turcos na Hungria. Dirigiu as obras defensivas em Brest e foi feito vice-almirante da Bretanha, pôsto que deixou em virtude de atrito com subordinados.

O plano de conquista do Brasil foi elaborado por ele depois de estreitos contactos com corsários franceses frequentadores daquelas plagas.

Este correspondente pode informar em absoluta primeira mão que depende apenas de uma palavra de Henrique II a constituição e a partida para o Brasil de uma frota sob o comando do vice-almirante Durand de Villegagnon.

## LISBOA DESCONHECE

Lisboa, 31, dezembro, 1553 (Do correspondente)

As autoridades portuguesas desconhecem ou não dão crédito à possibilidade de uma ação de conquista da sua colônia brasileira. Também do Brasil nenhuma notícia a respeito foi recebida aqui.

Quem viver verá. Este é o título do Editorial da página 4. Ele já estava redigido e composto quando recebemos o sensacional despacho de nosso correspondente em Paris. Chamamos a atenção dos leitores para esse editorial no qual afirmamos que as terras do Brasil estão «a desafiar cobças que nos darão grandes dores de cabeça no futuro».

E o futuro, antes mesmo do que esperávamos, aí está. O plano de conquista, cuja existência divulgamos em primeira mão, embora desconhecido em Lisboa e completamente ignorado no Brasil, é uma realidade.

Se os serviços secretos não funcionam e as chancelarias não tomaram conhecimento do audacioso plano francês, O BRASIL EM JORNAL, na sua missão de bem informar o público, dá conta do que apurou na capital gaulesa, no momento justo em que grave crise abala o governo português no Brasil.

E diante disto, não temos mais do que repetir o que dizemos em editorial:

— Quem viver verá.

## o Brasil em Jornal

1552 N.º 16	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Diretor: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

## Duarte da Costa novo Governador

Nesta edição os leitores vão encontrar completo noticiário sobre a situação brasileira. A nomeação do primeiro bispo e a chegada do novo governador, Duarte da Costa, assim como os primeiros atos de ambos e sua repercussão, são relatados com inteira veracidade pelos nossos correspondentes e sucursais.

A despedida de Tomé de Sousa e os gravíssimos acontecimentos que estão agitando a capital brasileira na Bahia e cujos principais personagens são o novo governador e o bispo, constituem matéria de importância desta edição.

## CASAMENTO COM AÇÚCAR

João Ramalho, o português com mais de 40 anos de Brasil, quer casar-se com a Índia Potira. Para isso pediu a interferência de Manuel da Nóbrega, uma vez que Ramalho tem um sério problema a enfrentar: é casado em Portugal, embora tenha certeza de que sua mulher já morreu.

Potira (flor), também chamada Bartira (na gravura), tem vários filhos de Ramalho, e seu pai é o famoso cacique de Piratininga, Martim Afonso Tibiriçá. Apuramos que Nóbrega escreveu para Portugal a fim de confirmar a morte da primeira mulher do pioneiro e, desta forma, permitir o novo casamento.

João Ramalho vai pagar todas as despesas de habilitação matrimonial com Potira em sacos de açúcar do seu engenho.

## DESCOBERTO OUTRO MAR

Arkhangelsk, 1553 (Do correspondente)

O navegador inglês Richard Chancellor, piloto de um dos três navios que procuravam o caminho da China pelo nordeste, conseguiu chegar a estas paragens, depois de ter reconhecido o mar Branco. O chefe da expedição, Hugh Willoughby, morreu de frio antes de aqui aportar.

Esta expedição é um exemplo típico de uma tendência muito em voga: a das sociedades que se formam para desbravar os mares e estabelecer comércio de várias espécies; são os «mercadores aventureiros».

Esta descoberta possibilita a ligação direta Rússia-Inglaterra pelo mar Branco.



## MORRE EDUARDO VI:

### Pela primeira vez uma mulher no trono inglês

Pela primeira vez em sua milenar existência, a Inglaterra tem a governá-la uma mulher: Maria Tudor, filha de Henrique VIII e Catarina de Aragão.

Maria, cuja vida tem sido seguida passo a passo pelo correspondente de O BRASIL EM JORNAL, em despachos que sucessivamente vimos publicando, enfrentou desde o seu nascimento as situações mais difíceis e vexatórias mas se manteve sempre absolutamente fiel à Igreja Católica Romana.

A morte de seu meio-irmão, Eduardo VI, coloca-a, agora, no trono da Inglaterra. As consequências desse fato não se farão demorar e são fáceis de prever. Católica fervorosa, Maria Tudor assume o governo de uma nação

que há tantos anos vem sendo dominada pelo espírito da rebelião e do divórcio total da Igreja de Roma.

Graves acontecimentos são esperados e previstos em virtude da completa reviravolta que está sofrendo a Inglaterra, passando das mãos dos fanáticos da Igreja Anglicana, criada por Henrique VIII, pai de Maria Tudor, para as suas delicadas mas enérgicas mãos de católica romana fervorosa.

A morte de Eduardo VI, o metéorico reinado de 20 dias de Lady Jane Gray, assim como a coroação de Maria Tudor e seus primeiros atos reais, estão detalhadamente noticiados na reportagem da página 5.



MARIA

A Igreja de Roma retorna ao trono da Inglaterra



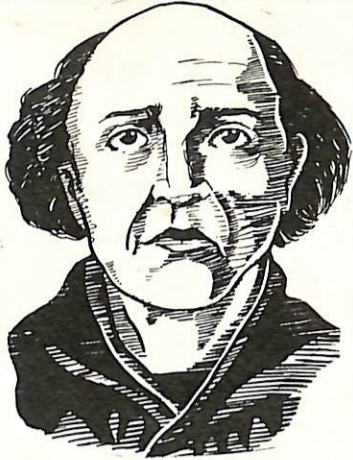
EDUARDO

Sexto do nome; 6 anos de reinado e 16.º de vida, segundo rei inglês morto nos últimos 6 anos

## POBRE BRASIL!...

Abrimos nossas colunas para acolher com honra insigne um artigo escrito especialmente para O BRASIL EM JORNAL pelo bravo e combativo Jesuíta Manuel da Nóbrega.

Seu verbo candente, sua crítica corajosa e seu estilo inusitado tocam a sensibilidade e atingem o coração do gentio. Aqui está o artigo de Manuel da Nóbrega.



Vai Tomé de Sousa... Obriga-me Nosso Senhor a dizer o muito que temo vir outro que destrua o pouco que se fez aqui, até agora. De quantos de Portugal para cá vieram, nenhum teve amor à terra senão ele. O que todos querem é fazer em proveito próprio, ainda que seja à custa do país.

Com os contrastes que tem, não creio que o Brasil tóra a frente se tivera outro governador...

Melhor terra do mundo, é, ainda assim, pouco favorecida de Nosso Senhor devido a seus pecados. Os homens, comumente, não têm respeito senão a seus interesses e ao rei, mas para Cristo não sobra respeito algum.

Já cansamos de clamar. Os que nos haviam de ouvir dos cristãos já nos ouviram.

Os senhores... uns dizem que não há senão viver à vontade neste mundo, que no outro a alma não sente; outros, que nós não sabemos o que dizemos e que eles, sim, falam a verdade. Vituperam-nos, para nos desacreditar com o gentio.

O bispo não é letrado e seus padres não edificam nada. Antes, aqui faziamos tudo de graça e agora vem outro modo de proceder. O povo, ao ver que lhe levam seu dinheiro, odeia o bispo e seus visitantes. A evitar pecados, por certo, nenhum deles veio cá...

Índios reclamam liberdade e vêm a nós como a país. Por falta de justiça, muitos estão cativos. Disse isto pessoalmente ao governador, que, porque muitos de seus conselheiros têm também escravos, foi de parecer que não se devia tocar no assunto para não prejudicar a ninguém.

A terra é pobre ainda... Urge remediar a situação mandando para cá moradores que lhe queiram bem, em vez de oficiais que só visam a seus ordenados e a acabar o seu tempo. Não têm afecção ao país e não trabalham para o favorecer. Isto é o geral, pósto que haja entre todos alguns que fujam à regra.

A cobícia e o mau exemplo têm prejudicado tudo e vêm causando ódio e rancor nos corações, contra os cristãos.

Por amor do Senhor, que cesse já o mau costume de mandar a estas partes de infelís o rebotalho como eu. O que importa é fazer-se cá uma casa de palha onde se ensine a doutrina a dez moços em vez de em Portugal se construírem colégios suntuosos.

## Construtor, médico, capitão e contador

Salvador, 17, janeiro, 1552 (Do correspondente)

Importante doação foi hoje feita a Simão da Gama, pelo governador Tomé de Sousa: terras, que vão da ponta do rio Pirajá até a propriedade de Afonso Torres, foram-lhe aquinhoadas com a cláusula de ele as aproveitar convenientemente.

Segundo o decreto de doação, Gama é obrigado a construir moendas onde houver água para engenhos, no prazo de três anos.

### NOVO CONSTRUTOR

Com o salário de 20 mil reais por ano, foi nomeado, hoje, para chefe das construções no Brasil o arquiteto Pedro de Carvalhais. O decreto que o nomeia foi dado a conhecer hoje e, segundo ele, o nomeado deverá prestar juramento de bem servir ao rei, antes de seguir para o Brasil.

Carvalhais irá substituir na Bahia o mestre construtor Luís Dias, que há tempos encaminhou ao rei um pedido de exoneração.

### CAPITÃO PARA ILHÉUS

Ilhéus, 1552 (Do correspondente)

Porque o capitão desta capitania não se desincumbia a contento da coroa portuguesa, o governador Tomé de Sousa, ora de passagem por aqui, em viagem de inspeção, resolveu demiti-lo.

Em seu lugar foi nomeado João Gonçalves Drumond, fidalgo de cota de armas, natural da Madeira. Além desta providência, Tomé determinou que se construísse em torno da cidade uma cerca de proteção e se fortificassem os engenhos.

## D. JOÃO III PERDE MÃO DA RAINHA PARA CARLOS V

Londres, 14, dezembro, 1553 (Do correspondente)

O embaixador português na Inglaterra, sr. Lourenço Pires, deu por encerrada, hoje, suas gestões para obter o casamento do infante português D. Luís com a rainha Maria, da Inglaterra.

O imperador Carlos V, mais rápido, conseguiu a mão da princesa para seu filho viúvo Filipe. Em seu comunicado ao rei D. João, Lourenço diz que o imperador, além de ter mais diplomatas com tal objetivo (quatro embaixadores), gozava de posição mais favorável, já que na corte da Inglaterra o viam como verdadeiro protetor do trono.

# DUARTE DA COSTA NOVO GOVERNADOR

Salvador, 13, julho, 1553 (Do correspondente)

Com 260 pessoas em quatro navios, chegou, hoje, a esta cidade, o novo governador do Brasil, sr. Duarte da Costa. Ele vem ganhando 400 mil réis anuais, o dôbro do seu antecessor, Tomé de Sousa.

Após o desembarque nesta cidade, a nova autoridade, recebida, pessoalmente, por Tomé de Sousa, foi empossada nos paços da cidade.

Ao contrário do que pretendiam Nóbrega e outras pessoas gradas, Duarte da Costa, que é casado, não veio com sua mulher. Em sua companhia veio o filho Alvaro.

### JESUITAS PARA CONSTRUÇÃO

Com o governador, chegou também uma equipe de jesuítas, exatamente sete. Recorda-se que, em declarações a O BRASIL EM JORNAL, Nóbrega mostrou a necessidade que havia de novos companheiros para a obra educativo-religiosa que a Igreja está empreendendo no Brasil. Entre os recém-chegados desta cidade Luís da Grã que foi reitor do colégio de Coimbra, José de Anchieta, Ambrósio Pires e Brás Lourenço, que conversou com a reportagem sobre a viagem, que considerou muito boa.

### VAI EMBORA

Tomé de Sousa, o governador exonerado a pedido, declarou-nos, após a solenidade da posse do sr. Duarte da Costa, que irá para Portugal imediatamente.

Considera que cumpriu perfeitamente a missão de que foi incumbido e vai juntar-se à família, que há quase 4 anos não vê. Falando ao repórter enumerou as providências que tomou em relação ao país, na recente viagem que empreendeu ao Sul.

«Está proibida a penetração de estrangeiros pelo sul do país. Estive em São Vicente e soube da situação dos espanhóis no

Paraguai. A cidade de Assunção, ao que me parece, está no limite das terras portuguesas. Quanto a isso, pedi providências aos cosmógrafos reais. Trata-se de uma região que pode ser rica em ouro e convém preservá-la.

### RIO MARAVILHA

O governador fala-nos, a seguir, de sua estada no Rio de Janeiro e diz que considera aquela parte do país uma das coisas mais bonitas que viu. Ali teve ocasião de ver celebrados alguns atos religiosos, pelo padre Nóbrega. Os selvagens maracajás são amigos dos portugueses e os receberam bem.

Em São Vicente e outras capitâncias teve até de mandar endireitar certas ruas, tracadas ao léu. Para o ex-governador, contudo, a grande jóia portuguesa no Brasil é a capitania do Espírito Santo, que ele considera malbaratada pelo descaso do colonizador.

«O Rio de Janeiro me impressionou tanto que mandei fazer dele um esboço para mostrá-lo ao rei. O ideal seria que se construísse ali uma povoação honrada e boa, porque em toda a costa, os franceses são figuras, habitualíssimas.

### RAMALHO, ANDARILHO

O governador passa a falar de outro assunto. São Vicente, afirmou-nos, é o ponto mais adiantado da colonização portuguesa no Brasil. Santos tem ótimo porto de mar.

No interior, defronte das cidades a que acabava de se referir, Tomé de Sousa providenciou a fortificação da vila de Santo André, onde mandou que os habitantes se juntassem, sob o comando de João Ramalho.

«Este homem, continuou, é um português natural de Coimbra e a quem Martim Afonso de

Sousa já encontrou quando cá veio. Tem filhos e netos em tanta quantidade que até perdeu a conta. Soube que, diariamente, antes de jantar, ele caminhava mais de 9 léguas, a pé.

### OURO, MAIS QUENTE

O governador está cansado com a recepção ao novo mandatário e quer ver encerrada a entrevista. Nós, todavia, o forçamos a continuar. Queremos informações sobre a busca de ouro em todo o país. Tomé de Sousa diz-nos que este é um assunto sobre o qual gostaria de não falar.

«Fiz mesmo a promessa de não tocar mais nisso, enquanto a descoberta não se concretizasse. Infelizmente, em minha gestão, apesar de ter quase certeza de que existe ouro no Brasil, e os índios se virem acumulando, não tive boa sorte. Mas uma coisa é certa: estamos, hoje, mais próximos do ouro que ontem.»

Levantando-se e despedindo-se de nós, Tomé de Sousa presta um último esclarecimento:

«Olhe, diga em seu jornal que eu proibi a entrada dos jesuítas pelo sertão adentro por me parecer que não seria justo que eles se expusessem inutilmente. Sei que ficaram chocados com a proibição, mas eu também, que sempre lhes quis bem, não sofri menos com o ser obrigado a agir desta forma.»

## ARQUITETURA

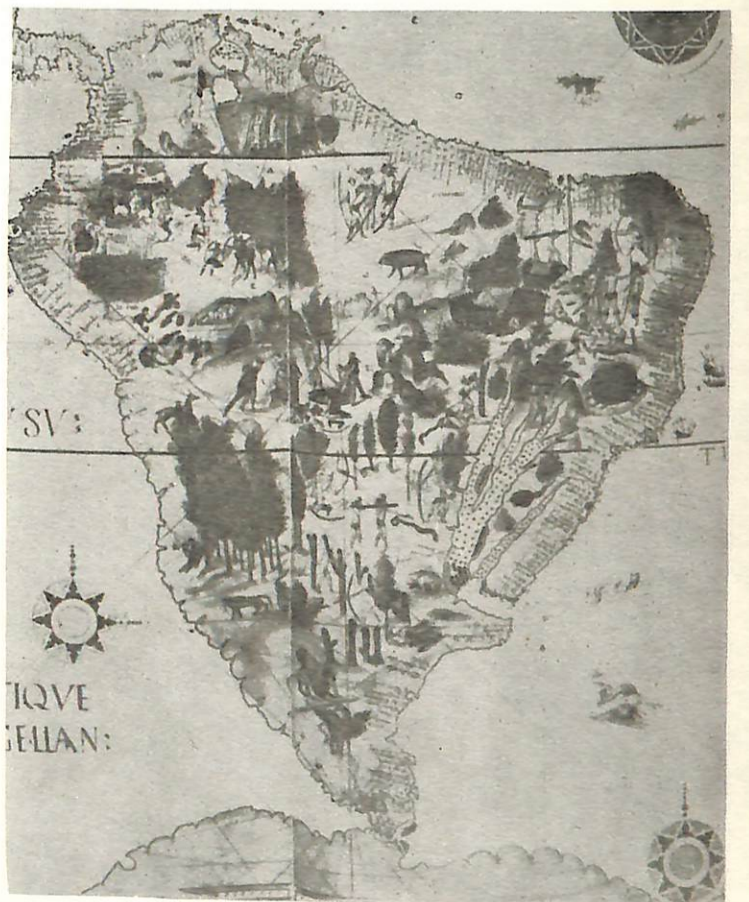
Paris, 1552 (Do correspondente)

O grande rei Francisco I terá um túmulo digno de seu nome e de sua imorredoura memória: Henrique II encarregou o arquiteto real Philibert de L'Orme de elaborar o plano do monumento, que será erguido na igreja de São Denis. O nome de de L'Orme já constitui certeza de que a obra em projeto será das maiores da arquitetura francesa da atualidade.

Conseguimos apurar que foram convidados a colaborar no túmulo de Francisco I vários escultores, entre eles Pedro Bontemps, Germano Pilon, Ambrósio Perret e outros.

## NOVO MAPA

O padre e sábio francês Pedro Desceliers, cura da cidade de Arques (autoridade reconhecida em matemática, geografia, cartografia e hidrografia) publicou neste ano de 1553 o seu mapa-mundi, cuja parte relativa à América do Sul reproduzimos para nossos leitores.



## nomeados no Brasil

### CUBAS CONTADOR

Lisboa, 4, fevereiro, 1553 (Do correspondente)

Com 6 mil reais anuais de vencimentos, Brás Cubas, nomeado em 1551 provedor e contador do rei em São Vicente, foi hoje confirmado em seu cargo.

O rei D. João III autorizou o nomeado a receber, doravante, tal vencimento dos direitos que arrecadar.

### PELOURINHO EM STO. ANDRÉ

Santo André, 8, abril, 1553 (Do correspondente)

Diante de todo o povo desta vila, o governador-geral do Brasil, sr. Tomé de Sousa, inaugurou, hoje, pelourinho no centro da cidade.

Após o ato solene, o governador nomeou alcaide-mor da nova cidade o português João Ramalho, há muito radicado aqui.

### GÓIS VENDEU CASA

Salvador, 6, maio, 1553 (Do correspondente)

A casa mais bonita e mais bem construída desta cidade foi adquirida, no ano passado, para morada do bispo D. Pedro Sardinha. Ela pertencia a Pero de Góis, capitão-do-mar do Brasil, e foi vendida por 80 mil réis.

A primeira prestação, que tinha sido estipulada em 40 mil réis, foi paga em julho do ano passado. Hoje, liquidou-se o débito com o vendedor, que recebeu os restantes 40 mil réis que lhe faltavam.

Segundo os peritos em operações imobiliárias, o preço por que foi arrematada a residência do bispo é mais que compensador para seu vendedor.

### NOVO MÉDICO

Salvador, 14, julho, 1553 (Do correspondente)

Com seu pajem vestido a caráter, chegou, ontem, a esta cidade, o novo médico para o Brasil, dr. Jorge Fernandes.

Fernandes, que vem substituir seu colega Jorge Valadares, cujo tempo de serviço já expirou, disse-nos que é bastante amigo do rei D. João III e a isso atribui sua nomeação, por três anos.

# BISPO, JESUÍTAS E GOVERNADOR EM GRAVES DESENTENDIMENTOS

## EM SOCIEDADE

O grande pintor Lucas Cranach fixou em quadro, este ano de 1553, uma crítica maliciosa ao que se vem repetindo em larga escala na alta sociedade. O quadro, que reproduzimos em primeira mão nesta coluna, apresenta um velho burguês tentando conquistar uma das moças que borboleteiam pelos salões elegantes.

Cranach, com finura admirável, representou nesse quadro uma situação que vem sendo o assunto do dia em todas as rodas, principalmente as populares que glosam as fraquezas, a leviandade e a amoralidade dos meios elegantes. Trata-se da exploração que as referidas moças fazem quando cortejadas por velhos burgueses, nobres ou capitalistas. Fingem que lhe aceitam a corte para, enquanto isso, surrupiar-lhes a bolsa...

Quando da apresentação do quadro, os comentários foram os mais diversos. Tanto a personagem encarnada pelo velho como a representada pela moça, foram emprestados nomes de pessoas muito conhecidas na sociedade...

A crítica artística de Cranach, que vem de falecer, é de fato audaciosa mas inegavelmente muito oportuna e, artisticamente, admirável.



cupa muito mais as mulheres da sociedade: saber se, com a chegada de Reginaldo Pole, renascerá aquela grande paixão juvenil que arde no seu e no coração da rainha... Pole, segundo íntimos da família real, foi o grande amor de Maria Tudor.

Em Londres, no meio de toda a agitação deste meado de 53, em que um rei morre aos 17 anos, uma rainha governa por dias, para ceder lugar a outra, cabeças rolam pelo chão — uma coisa preo-



Pau (França), 14, dezembro, 1553 (Do correspondente)

O reino de Navarra está em festas com o nascimento, hoje, 14 de dezembro de 1553, em Pau, do príncipezinho Henrique, filho da rainha Joana d'Albret e de Antônio de Bourbon, rei de Navarra. No flagrante que reproduzimos está fixado o momento em que o novo príncipe era mostrado à corte de Navarra.

O acontecimento está sendo festivamente comemorado por todos os navarreses.

## Grande médico queimado vivo

Genebra, 27, outubro, 1553 (Do enviado especial)

A intolerância e a brutalidade com que os calvinistas encaram os problemas religiosos ceifaram mais uma vida preciosa: acusado de herético, o humanista e médico Miguel Servet, glória da cultura mundial, foi hoje queimado vivo.

A multidão acompanhou a execução do ilustre sábio, que demorou duas horas para morrer, em meio aos mais inacreditáveis sofrimentos.

### ANTECEDENTES

«Se vier para aqui, por pouco que valha minha autoridade, não deixarei que saia vivo» — estas as duras palavras do próprio Calvino, referindo-se, anos passados, a Miguel Servet, diante da impressão desfavorável que lhe causara.

o livro do sábio espanhol «Christianismi Restitutio». O fanatismo calvinista não perdoou Servet, que pagou na fogueira sua ousadia de se opor aos princípios doutrinários do senhor de Genebra.

Independente dos seus conhecimentos teológicos, Servet destacou-se também em vários outros setores da inteligência, o que lhe valeu largo conceito nos meios intelectuais contemporâneos. A obra de Ptolomeu (Geografia) foi por ele comentada e editada, causando impressão favorável e dando-lhe sólida reputação de humanista.

Seu maior destaque, entretanto, foi no terreno da medicina, por ter, na sua «Christianismi Restitutio», assentado os princípios essenciais da circulação pulmonar, demonstrando, contra a opinião atualmente dominante, que o san-

gue que é expulso do coração a ele volta pelas veias pulmonares, como noticiamos em edição anterior.



SERVET

Glória escrita com cinzas

Salvador, agosto, 1552 (Do correspondente)

Porque já algumas desinteligências surgiram entre o novo Bispo do Brasil, D. Sardinha, e os jesuítas, uma série de consultas sobre assuntos religiosos-filosóficos acaba de ser encaminhada a Roma.

Os jesuítas vinham usando no processo de catequese dos índios sistema bastante elástico. Assim é que os selvagens freqüentavam as igrejas despidos, cantavam missa ao som de maracas e faziam confissão mediante intérprete. O procedimento que objetiva trazer o gentio mais facilmente ao seio religioso, não pareceu curial à autoridade clerical no Brasil, que chegou mesmo a repreender o superior jesuíta, padre Nóbrega.

Agora, para dirimir dúvidas, Nóbrega pede que de Roma lhe esclareçam, além dos pontos controvertidos pelo bispo, outros mais.

Seu requerimento pede solução para: 1) os índios podem confessar por intérprete?; 2) podem os selvagens ouvir missa de mistura com os cristãos?; 3) os instrumentos indígenas podem ser usados no culto divino?; 4) podem eles batizar-se nus?; 5) é lícita a guerra para cativá-los?

Nóbrega é antiescravagista e tal posição lhe

vale a antipatia de muitos colonos ambiciosos.

### GRAVES DESAVENÇAS

Salvador, 31, dezembro, 1553 (Do correspondente)

Em fontes extra-oficiais revelou-se hoje que a situação nesta cidade é considerada tensa entre as principais autoridades do país.

Algumas desinteligências teriam ocorrido entre o bispo Sardinha e o governador Duarte da Costa. Revelou-se também que já se formaram partidos entre os que são contra o bispo e contra o governador.

O motivo da desarmonia séria, ao que se diz, o comportamento do filho do governador, D. Alvaro.

## CÓRSEGA É DA FRANÇA

Paris, setembro, 1553 (Do correspondente)

Uma expedição comandada pelo marechal de Termes e com apoio conjunto das galeras do príncipe de Salerno e da frota turca, tomou a Córsega aos genoveses, colocando a ilha, pela primeira vez na história, sob o domínio francês.

A tomada, que durou apenas um mês, é considerada pelos políticos como o fato mais importante, depois da ocupação dos Três Bispados, para a consolidação do prestígio de Henrique II na Itália.

## Guerra diplomática por causa do Brasil

Lisboa, dezembro, 1552 (Do correspondente)

Uma violenta representação foi encaminhada ao rei de França, Henrique II, pelo governo português.

A nota diplomática, ao que se informa, versa sobre matéria de direito de navegação e, nela, o rei de Portugal, D. João III verbera o procedimento dúbio do governo de França.

O embaixador português em Paris, ao entregar o protesto de seu país, fez, mesmo, referência a alguns encontros entre a esquadra de Portugal e corsários franceses ao largo da ilha da Madeira, em abril último.

### PORTUGAL x ESPANHA

Lisboa, dezembro, 1553 (Do correspondente)

Reclamações recíprocas se fazem, presentemente, entre Portugal e Espanha. Os dois países se julgam com os mesmos direitos sobre a região en-

tre Assunção e o interior brasileiro limítrofe.

O embaixador português na Espanha, sr. João Rodrigues Correia, fez entrega de uma nota de protesto contra a penetração dos espanhóis por terras brasileiras até Assunção. Simultaneamente, a embaixada espanhola em Portugal protestou contra os maus tratamentos dispensados pelo governo brasileiro a seus súditos no sul do Brasil.

## 60 NOVOS TRIBUNAIS NA FRANÇA

Paris, janeiro, 1553 (Do correspondente)

Henrique II ordenou a criação de 60 tribunais com nove juízes cada, em vários baillados e senescálias, provocando protestos dos parlamentos, que não vêem com bons olhos tribunais inferiores a eles tornarem-se juízes em última instância, para alguns casos.

# Quem viver verá

Dá que pensar a insistência das nações estrangeiras em freqüentar a costa do Brasil, buscando prolongados contatos com as populações indígenas. São os franceses os mais teimosos nesse afinco. Não se cansam os armadores da Normândia e da Bretanha de enviar os seus navios aos pontos mais desguarnecidos do litoral brasileiro, onde se acobertam nas abras, enseadas e embocaduras de rios, carregando o pau de tinta que o gentio lhes fornece a trôco de tudo lhe facilitarem, com manifesto menosprezo da salvação de suas almas, pintados de genipapo, usando tangas e cocares, bebendo cauim e até, segundo há notícia, participando de seus horrendos festins de carne humana. Tudo para os atrair, agradar, lisonjear. Desde os primeiros tempos do achado desta costa, a freqüentam êsses franceses, apesar das diversas expedições vindas do Reino para expulsá-los. De nada valeu o exemplo dado pelas repressões de Cristovam Jaques e de Pero Lopes de Sousa. Eles nunca cessaram o seu contrabando, ora no Maranhão e no Mocuripe, ora na Paraíba e no Rio Real, ora no Cabo Frio e na ilha de Xerimerim, dos Patos ou de Santa Catarina.

Temos a impressão de que, mais dia, menos dia, escolherão os franceses um ponto litorâneo até hoje em abandono e que lhes seja propício por várias circunstâncias, a fim de nêles estabelecerem uma base de colonização efetiva. Teremos, então, de enfrentar o grave problema de sua expulsão, sob pena de não só perdermos a terra ocupada como de permitir uma cunha que impedirá a unidade, tão difícil de manter, do território do Brasil. Aqui ficam estas nossas palavras como uma espécie de aviso às autoridades a quem incumbe zelar pelo patrimônio ultramarino de Portugal.

Caem-nos da pena tais considerações ante a notícia do encontro na ilha de Santa Catarina, onde, há tempos, desembarcou e permaneceu como em casa própria, o famoso Adelantado espanhol Alvaro Nuñez Cabeça de Vaca, dos restos duma outra expedição castelhana, a de Diogo de Sanabria, chefiados pelo Capitão João de Salazar. Desde 1550 ali se achavam êsses espanhóis, em comunhão com os índios da Laguna do Imboaçú. Havia entre êles mulheres, mesmo damas de prol. Realizaram matrimônios. Nasceram filhos. Foi quase uma colônia que nasceu. Se não fôra o propósito em que todos se encontravam de alcançar de qualquer forma a vila de Assunção, no Paraguai, poderiam ali ter fundado um estabelecimento duradouro com grave detrimento para o futuro do Brasil português.

Estamos escrevendo estas linhas com o intuito de alertar o Governo-Geral para o perigo de ficarem ao mais completo desamparo certos sítios do litoral, verdadeiramente convidativos para as ambições estrangeiras. Urge que o povoamento do Brasil avance de Cananéia e Iguape para o sul, de modo a que no mais breve tempo possível se ocupe a ilha de Santa Catarina. Urge, também, que se ponha a mão na esplêndida baía de Niterói, cujo remanso e posição poderão atrair os franceses, useiros e vezeiros na freqüência ao Cabo Frio. E urge ainda lançar os olhos para a parte setentrional da costa, do cabo de S. Roque à foz do rio das Amazonas ou Maranhão, pouquíssimo freqüentada pelos nossos navegadores, onde, segundo parece, depois do naufrágio da expedição de Aires da Cunha e do malôgro da aventura de D. Luís de Melo, não surgiu mais nenhuma vela portuguesa. Essa porção do território do Brasil, onde se incluíam as duzentas e tantas léguas das capitânicas de Fernando Álvares de Andrade, Aires da Cunha e João de Barros, é um verdadeiro res nullius, a desafiar cobiças que nos darão grandes dores de cabeça no futuro.

Quem viver verá.

Está causando furor e muitos comentários a nova linha que os costureiros franceses lançaram para os vestidos e que deram o nome de «cone».

Trata-se de uma saia de cânhamo engomado, tendo em baixo um arco de vime para

lhe dar o aspecto de um cone. Esta saia é prêsa a um corpete sem mangas, acolchoado e modelado com escamas de baleia, que transforma o busto em outro cone. As mangas são amplas, mas prêsas nos punhos.



## MORRE CRANACH



Weimar (Alemanha), 16, outubro, 1553 (Do correspondente)

A arte sofreu hoje grande perda com a morte, nesta cidade, de uma das mais altas expressões da pintura alemã de nossos dias — Lucas Cranach, o velho.

O extraordinário pintor faleceu aos 81 anos e era natural de Cranach, na Alta Francônia. Estudou desenho e pintura com seu pai, tendo se estabelecido em Witemberg, onde levou vida próspera, cercado de consideração e protegido pelo eleitor da Saxônia, Frederico, o Sábio. Cranach, cujo retrato reproduzimos, deixou vários quadros de importância, tendo sido o retratista de Martinho Lutero, e de sua família. Como retratista, Cranach legou obras verdadeiramente maravilhosas, pela sua força e fidelidade.

Cranach foi um entusiasta do luteranismo, pondo seu pincel a serviço da propaganda reformista, exaltando seus partidários em algumas realizações e ridicularizando seus adversários em outras.

Deixou um filho, também pintor de grande talento, nascido em Weimar em 1515, com o mesmo nome do pai e, conseqüentemente, chamado Lucas Cranach, o Jovem.



## DOIS QUADROS

Paulo Caliari (Veronese), o consagrado pintor, concluiu dois belíssimos quadros, muito elogiados pela crítica: "A Tentação de Santo Antônio" (1552) e "Júpiter fulminando os crimes" (1553), os quais, por gentileza do autor, reproduzimos nesta coluna.

Notável, principalmente, a perspectiva emprestada ao quadro de Júpiter que é o reproduzido em oval



## Brasil já tem bispo

Salvador, 22, junho, 1552 (Do correspondente)

Sob aclamação popular, chegou hoje a esta cidade o primeiro bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha.

S. Exa. Reverendíssima trouxe clérigos de missa, sinos, alfaias e vestes necessárias ao serviço da Igreja.

Sardinha é natural de Évora, onde nasceu por volta de 1495. É filho de Gil Fernandes Sardinha e Lourença Fernandes. Lecionou nas universidades de Paris e Salamanca. Já esteve na Índia, onde foi provisor e vigário-geral. Conta que, em 1548, viu morrer o governador D. João de Castro e que até assinou as disposições de última vontade d'êste.

Como professor, ensinou a Inácio de Loyola. Dizem que é ótimo pregador.

## MUDANÇAS

Mal chegado à Bahia, D. Pedro quis saber o estado das coisas da Igreja. Ao lhe contarem que os índios participavam das missas, de mistura com os cristãos, franziu o cenho.

Em declarações a O BRASIL EM JORNAL, afirmou que pretende, logo que possível, introduzir algumas modificações no rito religioso e acabar com o que considerou herético.

## O BRASIL EM JORNAL

EDITORA REFORMA S/A  
R. México, 119, 12º and.  
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807

SEDE PRÓPRIA  
End. Teleg. REFORMA  
RIO DE JANEIRO

Secretários  
RUBEM AZEVEDO LIMA  
ZUENIR CARLOS VENTURA

Paginação  
WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração  
ADAIL

Revisão  
GABRIEL CHAVES DE MELO

Promoção  
TITO S. CAVALCANTI

SUCURSAL EM S. PAULO  
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.  
Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)  
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00  
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00



Esta é a fachada da «Villa» do papa Júlio III, em Via Flaminia, Roma

## UM REPÓRTER NA "VILLA" PAPAL

Via Flaminia, Roma, 1553 (Do enviado especial)

De chinelos e em roupas caeiras, o papa Júlio III recebeu em sua «Villa» o repórter de O BRASIL EM JORNAL, juntamente com alguns cardeais e outros convidados.

Fui à casa pontifícia com um convite forjado, e tive um

momento de grande embaraço quando, depois de receber-me, o Santo Padre olhou-me fixamente e perguntou: «De onde nos conhecemos?»

É que ajudei Antônio Melle-donne (correspondente de O BRASIL EM JORNAL) a fazer a cobertura da eleição papal, e foi a mim, com exclusividade, que Júlio III revelou o nome que ia adotar. Mas a chegada providencial de um convidado impediu que o Papa descobrisse o embuste. Que Sua Santidade, ao ler esta reportagem, perdoe o expediente que este repórter usou.

### RENASCIMENTO DOMINA

A «Villa» do papa Júlio III não tem nenhum elemento religioso ou clerical. Sua planta, a distribuição das salas no edifício, o lugar de breves residências, o pátio com jardim, a gruta ao fundo são inteiramente de linhas modernas. A fachada é simples, quase severa, não nada que anuncie o que vamos encontrar lá dentro. O portão, construído com grandes silhares, tendo nos flancos colunas dóricas e dois nichos, é o único elemento exterior que denuncia ser esta a casa de um grande senhor

### O «HORTUS CONCLUSUS»

Passado o portão, encontramos um pátio semicircular, ao

lado do jardim, o «hortus conclusus» ou jardim fechado, sem vista para o exterior. As paredes laterais são decoradas com colunas jônicas que fazem o efeito de bambolinas para o pano de fundo, que é o mirador sobre o pátio inferior.

Neste pátio, chamado ninfeu, ficamos a maior parte do dia, por ser ele baixo e fresco.

### A GRUTA DO BANHO

Mais em baixo ainda, subterrâneo, está o banho, gruta agradabilíssima de onde cai, gotejando, a água fria e pura de um manancial. Estas duas partes — ninfeu e gruta — têm um outro atrativo especial: o silêncio; não chega aí o barulho do jardim superior. O estilo, muito simples, dos muros do jardim, continua no ninfeu. Mas o mirador, que separa o jardim do ninfeu, é um modelo de pura graça.

### OS CONSTRUTORES

Vignola e Ammannati são os responsáveis pela construção da casa de Júlio III.

O primeiro construiu a parte da entrada e o segundo, a interna. Ammannati, aliás, se apresenta em um aspecto mais amável e ligeiro. Utiliza mais o estuque do que a pedra, e o mármore está reservado para as partes que podem sofrer desgaste excessivo.



Neste flagrante vemos o pátio semicircular interno da «Villa» papal, com os jardins no centro.

## MORRE EDUARDO VI:

# Pela primeira vez uma mulher no trono inglês

Greenwich, 6, julho, 1553 (Do correspondente)

Com 16 anos e 9 meses, dos quais 6 anos de reinado, morreu hoje nesta cidade, Eduardo VI, único filho varão de Henrique VIII, com sua terceira esposa Jayne Seymour, e o segundo rei que a Inglaterra perde em 6 anos.

Ao nascer, os médicos deram poucos anos de vida a Eduardo, que, embora débil, pôde receber uma boa educação humanística, pois, aos 13 anos, já lia Aristóteles no original e traduzia Cícero para o grego.

### VIOLENTO E FANÁTICO

A morte prematura de Eduardo VI interrompe uma grande carreira. «Uma carreira — segundo pessoa do palácio — como só poderia realizar um jovem doentio, violento, duro, obstinado e fanático».

Na verdade, o jovem rei era uma exceção ao temperamento mais ou menos tolerante, aberto e magnânimo dos Tudor.

Eduardo VI recebeu a coroa no dia 28 de janeiro de 1547 e todo o seu governo foi assinalado pela violenta rivalidade dos principais personagens do reino, que disputavam entre si o poder. O menino-rei seguiu essas lutas com indiferença, deixando ir para o cadafalso os que ficavam vencidos.

Quando no dia 22 de janeiro do ano passado, o duque de Somerset, o Protetor, foi executado por felonía, o rei anotou no seu diário: «O duque de Somerset teve a cabeça cortada hoje, entre as oito e as nove da manhã... ambição, vaidade, avidez; ele quis fazer-se senhor.»

### RAINHA POR 9 DIAS

Londres, 3, agosto, 1553 (Do correspondente)

Antes de morrer, Eduardo VI foi convencido pelo homem que dominava sua vontade — Northumberland — a assinar o testamento em favor de Lady Jane Grey. A bela duquesa de 16 anos recusou a princípio, mas acabou aceitando a coroa. Uma coroa que usou somente nove dias, pois logo que Maria Tudor soube da manobra de Northumberland para afastá-la da sucessão, reuniu um exército e entrou hoje nesta cidade.

### VIVA RAINHA MARIA

A entrada da nova rainha foi triunfal. Veio conduzida por seus partidários, tendo ao lado sua irmã Elisabeth. Londres acendeu fogueiras de festa para recebê-la; os condados lhe ofereceram tropas; o Conselho, espavorido com o que fizera, mandou um arauto e quatro trombeteiros à cidade para proclamá-la rainha. O próprio Northumberland, sabendo dos acontecimentos, agitou o chapéu no ar e bradou: «Viva a rainha Maria».

### POLE NOMEADO

Londres, 6, agosto, 1553 (Do correspondente)

A pedido da rainha, o Papa Júlio III nomeou hoje o cardeal Reginaldo Pole para legado pontifício na Inglaterra. Pole, que é filho da condessa de Salisbury, preceptora de Maria, foi companheiro de infância da soberana.

### VOLTA AO PAPISMO

Londres, dezembro, 1553 (Do correspondente)

Maria e os católicos que a

cercam querem imediatamente a reconciliação da Inglaterra com Roma e, para isso, a rainha vem desenvolvendo grande atividade, tendo entrado em entendimentos com Júlio III.

Maria já conseguiu o restabelecimento dos «Seis Artigos» (promulgados em 1539), decretando a morte de quem negar a transubstanciação, a necessidade da confissão e do celibato dos padres. Além disso, aboliu todas as leis religiosas do reino precedente e depôs os bispos protestantes.

Com a restauração dos bispos católicos, Gardner, bispo de Winchester, foi nomeado chanceler, enquanto, no dia 22 de agosto, Northumberland era executado.

### PROPOSTA DE CASAMENTO

Chegou-nos a notícia de que Carlos V aconselhou seu filho Filipe a pedir a mão da nova rainha, renunciando a qualquer princesa portuguesa. A mesma fonte informa que Filipe deve ostentar o título de rei da Inglaterra, mas não intervir no governo nem suceder a Maria no caso de morte.

### APREENSÃO

Certos círculos políticos estão muito apreensivos com a volta ao papismo. Acham eles que essa mesma maioria que conserva a nostalgia das velhas cerimônias e deseja um regresso ao nacional-catolicismo do rei Henrique, guarda grande ódio a Roma.

De modo particular, os adquirentes de bens eclesiásticos, classe rica e poderosa, receiam um ato de submissão ao Papa, ao mesmo tempo que os padres casados temem um retrocesso à antiga fé, pois isso os obrigaria a escolher entre seus curatos e suas mulheres.

## JORNAL ECONÔMICO

As rendas da alfândega de São Vicente, durante o ano de 1553, apresentaram um superavit animador, com relação a outros anos. Segundo as autoridades, o acréscimo de 100 cruzados na arrecadação de direitos se deve, principalmente, à entrada de espanhóis pela região e ao seu comércio com o Paraguai.

Salário de capitão no Brasil: 24 mil réis anuais. O dado, que recolhemos em livros do governador-geral do Brasil, sr. Tomé de Sousa, se refere à nomeação e confirmação de Estêvão Lopes, capitão de ribeira.

## TEATRO

### SACRIFÍCIO

Lausanne, 1552 (Do correspondente)

Teodoro Bêze lançou este ano sua peça «Abraão sacrificando», tragédia em versos franceses. A peça está sendo considerada como uma sobrevivência do teatro medieval. É uma pregação: exorta os espectadores a sacrificar tudo que os prende ao mundo, inclusive suas ligações com a família, a fim de se entregarem inteiramente ao verdadeiro Deus.

### JOVEM AUTOR

Paris, 1553 (Do correspondente)

Um jovem (21 anos) autor e ator, Etienne Jodelle, obteve estrondoso sucesso com a representação, no colégio de Boncourt, de sua peça «Cleópatra cativa». As comemorações do êxito de Jodelle tiveram a participação de figuras conhecidas das artes e das letras, entre elas Ronsard e Jean-Antoine Baif, grandes poetas.

A peça já era conhecida e fora representada, no ano passado, juntamente com outra, também de Jodelle, «Eugênia», interpretada pelo autor e vários poetas seus amigos.

A peça «Cleópatra cativa» vem despertando viva animosidade não só entre católicos como também nos meios protestantes e, particularmente, de outro conhecido autor teatral, Teodoro Bêze.

# ODISSÉIA PORTUGUÊSA NA ÁFRICA



D. LEONOR

A heroína conduzida nos ombros dos companheiros de odisséia

Lourenço Marques, África, 29, dezembro, 1552 (Do correspondente)

Sem dizer palavra e sem derramar uma lágrima, o capitão Manuel de Sousa enterrou nas areias de uma praia ao sul desta localidade, a mulher e o filho, mortos de fome.

Sousa, que comandava o galeão «São João», enlouqueceu em virtude das situações dramáticas que teve de enfrentar após o naufrágio de seu navio, há oito meses.

O «São João» vinha da Índia, de onde partira em princípios de fevereiro, com mais de 500 passageiros e grande carga de pimenta e arroz. Em meados de março, quando se aproximava do Cabo da Boa Esperança, uma tempestade furiosíssima desmantelou a embarcação.

Sem o leme e sem os mastros, arrancados pelo temporal, o galeão vagou alguns dias ao sabor das ondas. A bordo, o desespero tomou conta de todos.

Durante mais de dez dias o navio ainda resistiu. O piloto André Vaz aconselhou que se tentasse a aproximação do litoral. Ao amainar a tempestade, uma baleeira foi lançada ao mar para explorar as costas, não muito afastadas, enquanto o «São João» deitava âncora. Uma segunda baleeira levou para a terra o comandante Manuel de Sousa, sua mulher, D. Leonor, os filhos do casal e mais umas 30 pessoas.

A bordo do «São João» ficaram mais de 500 pessoas, entre portugueses e escravos, que resolveram soltar a âncora, para que o navio se aproximasse do litoral. Com a violência das ondas, o navio partiu-se em dois. Os que puderam, agarraram-se aos caixotes, para salvar-se.

No outro dia, mais de 100 cadáveres deram à praia.

Por perto havia sinais de água e os sobreviventes tinham conseguido salvar algumas caixas de arroz.

Depois de 10 dias, num morro próximo apareceram alguns africanos, com uma vaca. Os sobreviventes tentaram comprar o animal em troca de pregos. Outro grupo de africanos, aparecido em seguida, fez que as negociações falhassem. Durante noites e noi-

tes o próprio capitão ficava de sentinela, suspeito de qualquer ataque por parte dos selvagens. Os mantimentos estavam a acabar e se decidiu partir em busca do rio Lourenço Marques.

## TIGRES E COBRAS

Em julho, o grupo se pôs em marcha. A frente, Manuel de Sousa e André Vaz, com 80 homens. D. Leonor, já um pouco debilitada, seguiu num estrado carregado por escravos. Na retaguarda, após a escaravaria e o pessoal do mar, ia Pantaleão de Sá, cunhado do comandante, com 200 sobreviventes.

Caminharam por mais de um mês, comendo apenas arroz e nem sempre tendo o que beber. Alguns, já desesperados, deitavam-se por terra e deixavam-se ficar.

Um filho de Manuel de Sousa desapareceu. O menino não foi encontrado e o pai quase enlouqueceu. Ofereceu prêmio a quem fosse buscá-lo, mas todos se recusaram. O piloto André Vaz lembrou que, naquele instante, já os tigres o teriam devorado e desistiu-se da busca.

Dai para a frente, aumentaram os perigos. Vez por outra

os sobreviventes eram assaltados por africanos. Diariamente, três ou quatro pessoas, no grupo da retaguarda, eram devoradas por tigres.

Após 3 meses de marchas forçadas, já com grandes perdas, o bando chegou a uma região dominada por um rei-zete negro. As esperanças de salvação renasceram. O rei estava em guerra com um outro potentado e solicitou o auxílio dos portugueses.

Sousa designou Pantaleão e mais vinte soldados para o ajudarem. Os portugueses tomaram ao outro potentado mais de 20 cabeças de gado.

A despeito da informação do rei que os abrigara, os sobreviventes resolveram continuar a caminhada. Para isso, conseguiram embarcações com que pretendiam atravessar um rio.

## PRESOS

Atravessado o rio, outra dificuldade os esperava: uma multidão de africanos, aparentando amizade, cercou-os. Os sobreviventes contaram-lhes sua odisséia, por intermédio de escravos.

Foram conduzidos a um potentado, que se propôs a ajudá-los, desde que eles entregassem as armas.

Em conselho, considerou-se suspeita a proposta. Mas o capitão, já alucinado, verberou a opinião dos companheiros.

«Por certo, disse ele, os selvagens temem que os ataquemos com nossas armas. Proponho que as abandonemos.»

D. Leonor foi de parecer contrário:

«Se lhes entregamos as armas, afirmou, estamos todos perdidos».

As armas foram entregues aos selvagens e estes, senhores da situação, fizeram nova imposição:

«Que todos se separassem! No lugar não havia mantimentos para tanta gente.»

Assim foi feito. Em seguida, os selvagens caíram sobre os bandos dispersos, assaltando-os. O grupo de Manuel de Sousa também foi atacado. Os africanos tiraram-lhes as roupas, mas, quando quiseram despojar D. Leonor, esta resistiu a unhas. Inteiramente despida, ela se lançou ao chão, cobriu-se de areia e com seus cabelos. A André Vaz, o capitão recomendou que se fôsse. Ele, Sousa, morreria ali com a mulher e os filhos. Neste transe, ficaram ainda alguns dias, inteiramente nus, todos. D. Leonor e os meninos, cada vez mais fracos, não resistiram muito tempo.

Hoje, quando Sousa voltava do mato, aonde fôra buscar alguma coisa para alimentá-los, encontrou as escravas em prantos. D. Leonor e uma das crianças acabavam de morrer.

O capitão sentou-se diante de seus cadáveres, com a cabeça entre as mãos, e ali ficou a olhá-los por mais de meia hora. Depois, silenciosamente, enterrou-os ele mesmo.

## MÚSICA

### CANTOR NO BRASIL

Salvador, 12, julho,

Mesmo sem órgão para as lições e apesar de na cidade já existir mestre de canto, foi proposta, hoje, a nomeação de outro professor de música, pelo bispo D. Pedro.

A escolha do bispo recaiu sobre Francisco das Vacas, amigo de um cantor da capela real e aventureiro no Brasil.

Em conversa com a reportagem, adiantou D. Pedro que seu protegido tem boas falas e muito jeito para pôr em ordem o ofício divino em Salvador. A única dificuldade para sua nomeação é a existência de um outro mestre de capela, que veio com o bispo. Mas este, informou D. Pedro, não está contente com o Brasil, apesar de ganhar 20 mil reais de ordenado.

A Bahia não tem órgão para as lições de música, mas, segundo o bispo, isto não chega a ser obstáculo para a nomeação de Vacas.

— «Os órgãos virão... disse-nos. Se lhe dermos o arcebispo de Salvador (Vacas exigiu uma prebenda para lecionar) ele ficará entre nós.

## Escudeiro inocentado

Lisboa, 1553 (Do correspondente)

Acusado de ter ferido um criado do rei D. João III, mas porque se propôs a servir na Índia, um jovem escudeiro, cego de uma vista, foi indultado e ainda vai ganhar 2 mil e 400 réis.

Os personagens da curiosa história são Luís Vaz de Camões, português, solteiro, morador na Mouraria, e Gonçalo Vaz, português, zelador dos arreios do rei.

Por motivos ignorados, Camões deu em Gonçalo um golpe de espada, sem maiores conseqüências. Processado, o agressor foi condenado a pagar ao ofendido a multa de 4 mil réis, para obter perdão.

Agora, para livrar-se da pena, Camões ofereceu-se para servir na Índia. Sua proposta foi aceita e ele em breve embarcará para aquela parte, com o salário de 2 mil e 400 réis.

## EXPANSÃO RUSSA NA ÁSIA

Kazan, 1552 (Do enviado especial)

Aproveitando a decadência dos principados tártaros do Volga, o exército de Ivan IV se apoderou desta cidade, depois de um cerco em que sua artilharia, apoiada por canhões estrangeiros, fez maravilhas

contra as flechas dos arqueiros tártaros.

A tomada de Kazan entusiasmou o povo, que vê no acontecimento o fim dos saqueadores mongóis e finlandeses e a abertura da bacia do Volga à colonização agrícola. Em suma, é a Rússia chegando aos confins da Ásia.

## Desaparece cosmógrafo germânico

Basiléia, 1552 (Do correspondente)

Sebastião Munster, teólogo e cosmógrafo alemão, nascido em Ingelheim em 1499, faleceu este ano nesta cidade. Munster foi professor de teologia e de hebraico na Universidade de Heidelberg, e, mais tarde, lecionou matemática em Basel.

Sua obra mais importante, que o situa entre os maiores cientistas e estudiosos de geografia de nosso tempo, é a «Cosmographia universalis», primeira descrição detalhada do mundo em língua alemã. Munster a publicou em 1544.



A gravura (feita em madeira) que reproduzimos está na «Cosmographia Universalis», editada em 1544 pelo seu autor Sebastião Munster. Por ela os leitores poderão aquilatar das lendas que cercam os conhecimentos de geografia da atualidade. São monstros marinhos e terrestres que povoam os mares e terras ainda não suficientemente conhecidos, segundo os geógrafos contemporâneos.

# FRANCISCO XAVIER NÃO EXISTE MAIS

Sanchan, 3, dezembro, 1552 (Do correspondente)

Esgotado pela fadiga e privações, morreu hoje nesta ilha Francisco Xavier, um dos maiores colaboradores de Inácio de Loyola na Companhia de Jesus e o representante máximo do espírito missionário católico.

Francisco Xavier, cujo corpo será trasladado para Goa, veio para cá depois da rebelião do capitão Alvaro de Ataíde em Malaca. Sua intenção era passar ao continente, para converter os chineses, pois achava que só assim sua missão na Ásia estaria cumprida.

Filho de João de Jassu e de Maria de Azpicuelta, Francisco nasceu no castelo de Xavier, em Navarra, no dia 7 de abril de 1506. Sua juventude foi cheia de dificuldades. Na guerra provocada por Fernando, o Católico, para anexar Navarra à Espanha, em 1512, seu pai perdeu as possessões, por ser adepto da dinastia dos Albret.

Morto João de Jassu em 1515, Francisco foi educado por sua piedosa mãe, até que em 1525 mudou-se para Paris, a fim de completar os estudos. Frequentou o colégio de Santa Bárbara, onde se destacou pela sua incorruptível castidade.

Em 1530 obteve o título de licenciado em Artes, ao mesmo tempo que lhe foi confiada uma cátedra no colégio de Beauvais. Desta época data a amizade com Loiola. Atraído por sua forte personalidade e comungando com os mesmos ideais, em particular no propósito de evangelizar os infiéis, Francisco prestou com ele o juramento de passar à Terra Santa ou de pôr-se à disposição do Papado, em 15 de agosto de 1534.

Com o objetivo de preparar-se para seu futuro trabalho, dedicou-se durante dois anos ao estudo da Teologia. Em novembro de 1536 partiu para Veneza com esperança de embarcar para a Palestina. Nessa cidade foi ordenado sacerdote e celebrou a primeira missa no dia 24 de junho de 1537, depois de uma fervorosa preparação espiritual.

Dificultada a empresa do evangelizador entre os muçulmanos, Francisco Xavier passa a Roma, em 1538, onde colaborou com Loiola nos trabalhos preparatórios da constituição da ordem. Esta não havia ainda recebido a aprovação, quando o ardor de Francisco o leva a cruzar os mares em direção à longínqua Índia. No dia 15 de março de 1540, formulou por escrito seus votos de obediência, pobreza e cas-

tidade, partindo no dia seguinte, revestido, por Paulo III, da dignidade de legado apostólico.

## A CONQUISTA

Tendo embarcado em Lisboa, chegou a Goa, na Índia, a 6 de maio de 1542. Imediatamente começou o seu trabalho de conquista pacífica dos infiéis. Sua voz foi ouvida em Goa, na Pesqueira, em Travancor e em Cochim. Em seguida, pregou no Ceilão e, em setembro de 1545, partiu para as Molucas, visitando Amboina e Ternate. Depois de uma estada de dois anos nas ilhas das Especiarias, regressou à Índia em 1548, mas já com o propósito de passar aos poderosos reinos de que ouvira falar nas Molucas, rumo ao Japão.

Levava consigo nesta viagem, além dos dois companheiros jesuítas e três japoneses, o repórter de O BRA-

SIL EM JORNAL, que fez toda a cobertura da célebre Jornada.

Francisco Xavier pregou no Japão até o mês passado, fundando comunidades cristãs em Kagoshima, Hirado, Yamaguchi e Rungo, apesar da guerra civil que devastava o país e da oposição dos bonzos. Deixou o Japão consolado por dois mil adeptos que florescem naquelas terras.

## A CARTA DE LOIOLA

Roma, 1553 (Do correspondente) — Ignorando a morte de Francisco Xavier, Inácio de Loyola escreveu-lhe uma carta pedindo que viesse a esta cidade, pois queria lhe confiar o governo da Companhia de Jesus.

Loiola, apesar do abalo que provocou a morte do amigo, continua em grande atividade, tendo nomeado provinciais para a Sicília e o Brasil, além de estabelecer um noviciado em Lisboa e abrir um colégio em Córdoba.

Preocupado, também, com a salvação da Alemanha e da Inglaterra, aconselhou aos padres celebrar missa, pelo menos uma vez por ano, para a conversão desses dois grandes países.



XAVIER

Soldado de Jesus, comandante de almas

## ENSINO

Falando de São Vicente, onde se encontra, há algum tempo, o padre Manuel da Nóbrega informa-nos que o colé-

gio dos Meninos de Jesus, daquela vila, inaugurado em fevereiro de 1553, já tem até professor de latim, na pessoa de um gramático de Coimbra, desterrado para o Brasil. O jesuíta não nos fornece, contudo, o nome deste latinista pioneiro nas terras brasileiras.

## LIVROS E AUTORES

Com a morte, este ano, (1553) do cientista inglês Eduardo Wotton, perde a zoologia um dos seus maiores nomes. É de Wotton a obra, publicada no ano passado, considerada importante nos estudos de história natural — «De differentiis animalium». Faltam-nos maiores detalhes sobre a vida do ilustre cientista inglês.

★

Pedro Ronsard, «O Príncipe dos Poetas Franceses», como é chamado pela sua merecida glória literária, iniciou a publicação de seus livros de sonetos, que intitulou «Amôres». O primeiro desses livros, que agora é apresentado, Ronsard dedicou-o a Cassandra Salvati,

jovem por quem se apaixonou numa viagem que fez a Blois, quando tinha apenas 20 anos.

★

O frade dominicano Bartolomeu de Las Casas publicou este ano sua obra, tida como monumental pela crítica: «História Geral das Índias».

Las Casas defende, em seu livro, o princípio de que somente é legítimo evangelizar pacificamente os indígenas e que aqueles que os despojaram de seus bens devem devolvê-los, se querem salvar suas próprias almas. O autor, já cognominado o «apóstolo dos índios», acusa, com cores vivas, as violências e a rapacidade dos espanhóis conquistadores e colonizadores.

## Inaugurado colégio germânico

Roma, 28, outubro, 1552 (Do correspondente)

Com grande solenidade, festas e discursos em latim, foi inaugurado hoje, dia dos apóstolos Simão e Judas, na presença de altas autoridades e do clero em geral, o Seminário ou Colégio Germânico desta cidade.

O discurso inaugural, em latim, foi pronunciado por Ribaneira que, embora não seja ainda padre, foi chamado de Sicília para ensinar retórica no novo estabelecimento. O regulamento do colégio, que foi totalmente estabelecido por Loiola sem modelo anterior, está destinado a ser imitado, pois é um monumento de prudência, sabedoria e equilíbrio.

A primeira idéia foi do cardeal Morone que, quando esteve na Alemanha, viu que as vocações à vida sacerdotal estavam desaparecendo daquele país e o clero ameaçado de extinção total, com os virulentos ataques dos dissidentes.

Era preciso encontrar um remédio urgente. Veio-lhe então a idéia de recrutar jovens alemães e instruí-los em Roma. Procurou quem lhe pudesse ajudar e foi guiado ao homem mais capaz para isso: Inácio de Loyola, que aprovou calorosamente o projeto e pôs à disposição de Morone seu Instituto e tudo que estivesse ao seu alcance.

Em seguida, Morone comunicou-se com os colegas do Sacro-Colégio, Alvarez de Toledo, Carpi, Cervini e, com este último, foi ao Papa, que aprovou com entusiasmo a iniciativa, prometeu apoio e disse mesmo que já havia pensado em coisa parecida.

## LOIOLA EXPLICA

Com a mesma solicitude com que atende sempre a O BRASIL EM JORNAL, Inácio de Loyola nos disse:

«Os jovens, depois de escolhidos, virão para o Colégio sob a proteção do Soberano Pontífice, de cinco cardeais e sob a orientação da nossa Companhia. Desta maneira, não lhes faltará nada do que é necessário para alimentação, vestimenta, alojamento e livros.

«Aqueles que se sobressaírem — continuou — na ciência e na virtude retornarão à Alemanha com benefícios ecle-

siásticos. Todos os amigos de Deus, que têm sede de salvação da Alemanha, acham que o meio humano mais eficaz para sustentar a religião naquele país é enviar o maior número possível de homens temperados na Fé e firmes na coragem para, por meio da palavra de Deus e das lições públicas, retirar o véu de ignorância e de vícios que cobre os olhos de seus compatriotas».

Loiola informou ainda que os homens doutos e piedosos retirados da Companhia de Jesus devem ser, sempre que possível, da Alemanha ou, pelo menos, dos lugares vizinhos.

«Os alunos do colégio encontrarão mestres que lhes darão um conhecimento profundo das letras latinas, gregas e hebraicas. Os que já estudaram as humanidades serão instruídos na Lógica, na Física e nas outras ciências superiores e enfim na Teologia, por meio de lições públicas e exercícios seguidos», terminou o geral da Companhia de Jesus.

## MEDICINA

Caffi (Verona), 1553 (Do correspondente)

Jerônimo Fracastor, humanista, astrônomo e, sobretudo, médico famoso, faleceu nesta cidade, provavelmente aos 75 anos de idade, grande parte dos quais dedicada inteiramente aos estudos científicos.

Fracastor é conhecido principalmente pelas pesquisas feitas sobre doenças contagiosas, sendo hoje célebre seu poema (foi também bom poeta) didático «Syphilis sive gallicus morbus» — «A sífilis ou o mal francês» — que publicou em 1530, já existindo várias edições, atualmente.

A sífilis, um dos grandes males da atualidade, teve em Fracastor seu maior adversário, sendo inúmeros os trabalhos e estudos que o grande cientista realizou sobre o assunto, reunidos no livro «Tratado de contágio e de doenças contagiosas», saído à luz em 1546.

Entre seus outros trabalhos de vulto figuram os cálculos das latitudes e longitudes das terras americanas, feitos pouco depois das descobertas de Cristóvão Colombo.

## COLUNA MILITAR



Sabe-se que o sultão da Turquia determinou recentemente que o uskuf, gorro militar alto com um pano pendente atrás, seja reservado, de ora em diante, aos oficiais da milícia dos janizaros, criada, há um século, por Maomé II, o conquistador de Constantinopla.

O altun-uskuf, que é o mesmo gorro com uma guarnição de metal dourado, será privativo dos oficiais superiores da referida milícia.

# Franceses, alemães e italianos nos campos de batalha



3 meses de resistência heróica.

## ALIANÇA COM FRANCESES DERROTOU O IMPERADOR

Chambord, 15, janeiro, 1552 (Do enviado especial)

Por um tratado assinado hoje, o rei da França ajudará a salvar a «liberdade alemã», na guerra contra o imperador, recebendo em troca o direito de ocupar, além de Chambrai, as cidades episcopais de Verdun, Toul, Metz e «outras cidades do império que não falam alemão».

Este pacto é resultado da reunião de 22 de maio último em Torgau, entre Maurício de Saxônia, Guilherme de Hesse, Hans de Custrin e João Alberto de Mecklembourg.

### OCUPADAS VERDUN E TOUL

Joinville, 1552 (Do enviado especial) — As tropas francesas reunidas nesta cidade, sob o duplo comando do condestável de Montmorency e do duque de Guise, avançaram e tomaram sem dificuldades Verdun e Toul.



«Liberdade. Defensor da liberdade italiana e germânica. 1552.» São as palavras gravadas, por ordem de Henrique II, na medalha comemorativa da tomada de Metz.

### TAMBÉM METZ

Metz, 10, abril, 1552 (Do enviado especial) — Sem dar um tiro, Montmorency entrou hoje nesta cidade, enquanto Maurício de Saxônia, partindo de Erfut, com 25 mil homens, tomou Augsburg no dia 5 deste, restaurando o conselho da cidade e o culto luterano.

### CARLOS V QUER PAZ

Metz, 18, abril, 1552 (Do enviado especial) — Carlos V recorreu ao seu irmão Fernando, suplicando-lhe para ser o mediador entre ele e Maurício, que exigiu as seguintes condições: 1 — liberação ime-

diata das possessões de seu sogro; 2 — paz vantajosa para a França; 3 — anistia completa para os aliados; 4 — correção dos abusos da corte imperial; 5 — conselho nacional para regulamentar os negócios religiosos da Alemanha, sem o Papa. Sem responder a essas condições exorbitantes, Fernando solicitou armistício, que ficou prometido para uma reunião a 26 de maio em Passau.

### IMPERADOR FUGIU

Reutte, 19, maio, 1552 (Do enviado especial) — Depois de botar em fuga as tropas imperiais, Maurício por pouco prendia pessoalmente Carlos V, que, com crise de gota, atravessou o Brenner, às 21 horas de hoje, carregado em uma liteira e de baixo de violenta tempestade.

### TREGUA DE PASSAU

Passau, 2, agosto, 1552 (Do enviado especial) — Temendo uma reviravolta na situação, principalmente depois da resistência de Francfort, Maurício apressou as negociações da trégua, que acabou sendo assinada hoje.

### TERMINOU O CERCO

Metz, janeiro, 1553 (Do enviado especial) — Não resistindo aos rigores do inverno, a armada imperial — para humilhação de Carlos V — levantou o cerco que vinha sendo feito a esta cidade, desde outubro do ano passado.

O cerco fôra confiado ao duque de Alba, para aproveitar a fraca guarnição deixada nesta cidade pelo duque de Guise. Entretanto, nem a presença do imperador no meio das tropas, nem os 35 mil infantas, 8 mil cavaleiros e 150 canhões, foram suficientes para romper a «fraca guarnição» francesa.

## HENRIQUE II E O PAPA ESTÃO EM PAZ

Roma, 29, abril, 1552 (Do correspondente)

Com a aprovação do Sacro Colégio e depois de informar ao imperador Carlos V que não podia continuar a guerra, o Papa assinou hoje uma trégua com Henrique II.

O repórter de O BRASIL EM JORNAL, que assistiu ao ato de assinatura, conseguiu permissão para publicar as condições, que são: 1ª) Parma ficará com Otávio Farnésio; 2ª) Suspensão por dois anos de todas as censuras do Papa contra Otávio; 3ª) O cardeal Farnésio e seu irmão Orácio receberão o ducado de Castro, que possuíam sob Paulo III; 4ª) o rei da França está pronto a se entender com o Santo

## FERIMENTOS MATARAM MAURÍCIO DE SAXÔNIA

Alemanha, 11, julho, 1553 (Do correspondente)

Morreu hoje, vítima das feridas recebidas na batalha de Sieverhausen contra o margrave de Brandeburgo, Maurício de Saxônia, o homem que em 32 anos de vida conseguiu, entre outras coisas, assegurar o triunfo do protestantismo na Alemanha, a anulação da autoridade imperial e o êxito da linha albertina da casa dos Wettin.

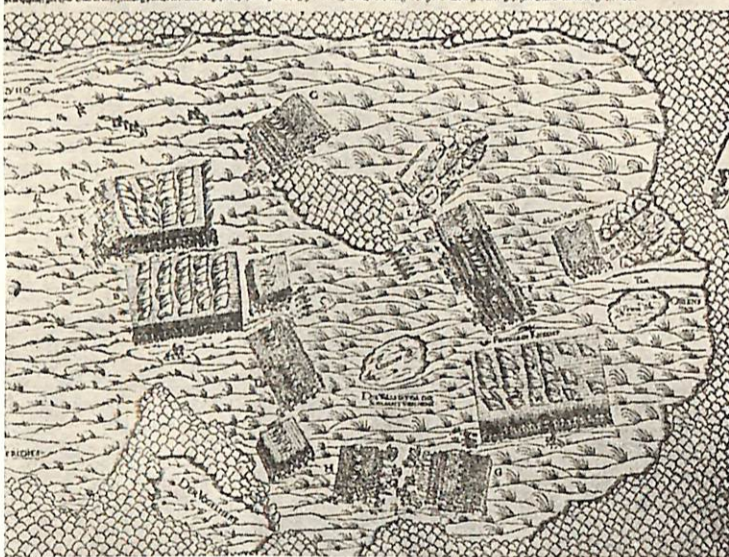
No ano passado mesmo, quando Carlos V quis submeter os príncipes alemães à sua autoridade absoluta, Maurício voltou-se contra ele e formou uma liga de príncipes, concluindo com Henrique II o tratado de Chambord, segundo o qual sacrificava à França os bispados de Metz, Toul e Verdun.

### SURPREENDEU O IMPERADOR

Foi ele, ainda, que no ano passado surpreendeu e quase fez prisioneiro o imperador em Innsbruck, arrancando do regente Fernando o Tratado de Passau (2 de agosto), que concede liberdade aos luteranos e consolida o poder dos príncipes na Alemanha.

Recorda-se que, em 1544, ele lutava contra a França e dois anos depois assinava com

«Foi um tratado com Fernando que, além de lhe dar o direito de ocupar as possessões da linha Ernestina, concedia-lhe o eleitorado de Saxônia no dia 4 de junho de 1547.»



### BATALHA

Aqui Maurício foi ferido de morte.

Padre sobre as questões religiosas.

A paz pedida por Júlio III era esperada e até desejada nesta cidade. Os cardeais Morone e Crescenzi a desaconselhavam e, à medida que as operações se desenrolavam, via-se quanto eles tinham razão.

Quando os franceses apareceram na Itália com Paulo de Thermes, depois com Pierre Strozzi e finalmente com o marechal Brissac, a situação se tornou difícil e, a 4 de dezembro do ano passado, Júlio III pedia paz.

### «FRANÇA!»

Siena, 26, julho, 1552 (URGENTE) — Aos gritos de «França, vitória e liberdade», o povo ex-

plôs a guarnição imperial e prepara os planos de um ataque contra o imperador.

### POLÍTICA REALISTA

Os adversários de Maurício (e até amigos) consideram-no um personagem sinistro e tortuoso, sendo chamado por muitos de traidor. Na verdade, para lograr tanto sucesso, adotou uma política realista, prescindindo de toda consideração teológica e da palavra empenhada.

### FOI CATOLICO

Filho primogênito do duque Henrique de Saxônia, nasceu Maurício no dia 21 de março de 1521 em Freiberg e até os 16 anos foi educado na religião católica. Depois, o eleitor João Frederico de Saxônia instruiu-o no luteranismo e, em 1539, Maurício declarava-se protestante convicto.

Três anos depois, participou do exército imperial que lutou contra os turcos e a França. No momento de decidir-se na luta entre Carlos V e a liga de Smalkade, passou para o lado imperial.

Fêz um tratado com Fernando que, além de lhe dar o direito de ocupar as possessões da linha Ernestina, concedia-lhe o eleitorado de Saxônia no dia 4 de junho de 1547.



RABELAIS

«Viver... viver... viver...»

## A MORTE COLHEU AMANTE DA VIDA

Paris, 9, abril, 1553 (Do correspondente)

A França e o mundo choram a perda de uma de suas maiores glórias literárias: morreu, hoje, nesta capital, o escritor Francisco Rabelais, autor das obras imortais «Gargântua» e «Pantagruel».

O grande escritor nasceu em Touraine, nos últimos dias do século passado.

Rabelais foi educado por monges franciscanos, onde permaneceu quinze anos, chegando a adotar o hábito. Abandonou a carreira religiosa para tornar-se médico, profissão que exerceu com interesse e dedicação.

Tornou-se conhecido com o aparecimento de suas obras magistrais — o primeiro livro de Pantagruel (1532), logo seguido da Gargântua (1535) dos quais se conhecem 4 volumes. O 5º não foi ainda publicado.

A obra de Rabelais foi escrita mais como um divertimento do que como preocupação literária. Nela ele conta a vida dos três gigantes, Grandgousier, Gargântua e Pantagruel, reis de um país que a imaginação do escritor colocou perto de sua cidade natal, Touraine, junto a Chinon, na França.

Um só princípio, na opinião da crítica, domina toda sua obra: o amor integral à vida, sob qualquer de suas formas, sejam elas intelectuais ou mesmo animais. Daí decorrem a pedagogia de Rabelais (o homem tem o direito e mesmo o dever de desenvolver ao extremo todas as faculdades de seu espírito e de seu corpo) e a sua moral, que está expressa no pantagruelismo, que consiste em satisfazer o homem todas as exigências da natureza. Rabelais revela em sua obra impressionante energia, representando sempre as formas em movimento.

A crítica fez-se, em algumas ocasiões, feroz com o escritor e ainda mesmo neste ano a Sorbonne (faculdade de teologia) combateu acerbamente a obra de Rabelais, apoiada pelo próprio Parlamento francês. Seus protetores poderosos, porém, cedo fizeram abortar as medidas contra Rabelais, se bem tenha corrido a notícia de que fôra emitida ordem de prisão, só evitada pela sua morte, ocorrida em circunstâncias que a reportagem não conseguiu apurar.

## CONCÍLIO NOVAMENTE SUSPENSO

Trento, 28, abril, 1552 (De Antônio Melledonne, enviado especial de O BRASIL EM JORNAL)

Apesar do protesto de doze prelados espanhóis, que ameaçaram ficar na cidade, os cardeais aceitaram a sugestão do Papa e suspenderam hoje o concílio que vinha sendo realizado aqui desde o dia 1º de maio do ano passado.

O que apressou a suspensão foi a tomada de Augsburg, no dia 5 deste, mas já a princípio de março o imperador, em carta a sua irmã Maria da Hungria, advertia que os «eleitores estavam mais seguros em casa do que no concílio».

O concílio, este ano, só realizou uma sessão, a 15ª, a 25 de janeiro, discutindo-se o Sacramento do Casamento. Adlaram-se os pontos de doutrina vitais, referentes à comunhão, à missa e à ordenação para a reunião que acabou não havendo.